

Considerações a respeito da identidade da Terminologia como campo da Linguística: por uma ampliação

Considerations regarding the identity of Terminology as a field of Linguistic: for an expansion

Gabriel Pereira Castro¹
Luís Henrique Serra²

Resumo: Este texto é um ensaio sobre o *status* da Terminologia como uma das ciências do léxico. É problematizado o fato de que uma visão descritivista no campo trouxe grandes avanços, no entanto, alguns outros problemas também decorrem daí, dentre eles o olhar para apenas um dos elementos da comunicação especializada, o léxico. Nesse sentido, entende-se a Terminologia como um campo amplo de estudos da comunicação no ambiente especializado e, por isso, todos os elementos desse fenômeno podem/devem ser estudados, o que amplia o âmbito dos estudos terminológicos. São consideradas, no texto, discussões sobre o desenvolvimento dos campos científicos, além de algumas ideias dentro da própria Terminologia que veem a prática de estudos terminológicos a partir de uma reflexão dialógica e comunicativa. Tais ideias são retomadas aqui na direção de demonstrar que alguns estudos terminológicos, muito embora não foquem apenas no léxico, podem também ser reconhecidos como terminológicos. Por fim, o grande objetivo do texto é apresentar novos possíveis caminhos e lançar luz sobre algumas reflexões epistemológicas sobre a Terminologia, buscando sempre sua ampliação e qualidade como campo de análise do discurso especializado.

Palavras-chave: Terminologia; estudos linguísticos da Terminologia; texto e discurso especializado.

Abstract: This text is an essay on the status of Terminology as one of the sciences of the lexicon. The fact that a descriptivist view in the field has brought great advances is problematized, however, some other problems also arise from it, among them the look at only one of the elements of specialized communication, the lexicon. In this sense, terminology is understood as a broad field of communication studies in the specialized environment and, therefore, all elements of this phenomenon can/should be studied, which expands the scope of terminological studies. Discussions about the development of scientific fields are considered in the text, as well as some ideas within Terminology itself that see the practice of terminological studies from a dialogical and communicative reflection. Such ideas are taken up here to demonstrate that some terminological studies, although not only focusing on the lexicon, can also be recognized as terminological. Finally, the main objective of the text is to present new possible paths and give birth to some epistemological reflections on Terminology, always seeking its expansion and quality as a field of analysis of specialized discourse.

Keywords: Terminology; Terminological linguistic studies; specialized discourse and text.

¹ Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-graduação em Letras, São Luís, Maranhão, Brasil. Endereço eletrônico: castro.gabriel19@outlook.com.

² Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de Bacabal, professor permanente do Programa de Pós-graduação em Letras, campus III, Bacabal, Maranhão, Brasil. Endereço eletrônico: luís.henrique@ufma.br.

Considerações iniciais

Muito embora a definição de uma ciência e suas subáreas não seja uma questão resolvida dentro da filosofia das ciências, problematizar as identidades de uma disciplina pode ser feito no sentido de colaborar para sua expansão e ampliação de pontos de vista. Nesse sentido, é necessário também problematizar a tradição dentro das disciplinas, tendo em vista que ela, de certo modo, cristaliza alguns olhares e é por ela que a disciplina tende a ser conhecida. O grande problema não é uma disciplina ter uma identidade ou um lugar dentro de uma grande área, é restringir os alcances e possibilidades dessa área ao que ela ficou conhecida.

É importante mencionar, nesse contexto, que, para além de um negacionismo abundante e perigoso no qual a sociedade moderna, em parte, tem se baseado, no campo da filosofia das ciências, não são poucas as reflexões que questionam o *status* e o perfil dos campos científicos. Nesse sentido, cumpre situar dogmas científicos que foram sendo contestados e, a partir dessas contestações, novas visões e entendimentos acerca das bases teóricas foram sendo criados. Nessa perspectiva, pensando na evolução das ciências como um todo e pensando na ciência como um fazer sociocultural que fica cada vez mais complexo com o interesse da sociedade, novos caminhos vão se abrindo e novos paradigmas são criados. Araújo (1994, p. 137, grifos nossos), nessa direção, comenta:

Cientistas estão constantemente em luta por autoridade e reconhecimento, traçando variadas estratégias e efetuando ações em uma ou outra direção para atingir seus objetivos. As lutas se dão em torno da apropriação de um capital específico do campo e/ou pela redefinição daquele capital. Nesse esforço, criar ou fortalecer novas áreas ou campos de pesquisa (disciplinas) pode ser, em determinados momentos, a atitude mais interessante ou ‘lucrativa’ dentro do ‘jogo científico’.

O *jogo científico* a que Araújo faz menção tem a ver com o domínio dos discursos e das ideias que digladiam em um campo do saber humano na busca de adeptos e interessados. É nessa *batalha* que os campos de uma ciência se expandem, discursos tradicionais são modificados, o poder explicativo de uma ciência se amplia e diferentes rupturas do passado e do novo chocam-se e remodelam o campo do saber. Para Auroux (2020), essas rupturas são saudáveis a um campo de conhecimento porque fazem com que ele se mantenha atual, atraente e, sobretudo, fazem com que o poder explicativo para as diferentes dimensões dos objetos de estudo se amplie:

Quando a multiplicidade das rupturas é acompanhada de uma taxa muito fraca, todas as condições são reunidas para que os estados anteriores da disciplina conservem um interesse teórico direto, e, principalmente, sejam mais potentes na explicação de certos tipos de fenômenos. (...) A história das ciências da linguagem tem um papel essencial a desempenhar na maturação das teorias modernas, maturação que deve ser favorecida por uma clara reconstrução das teorias passadas (AUROUX, 2020, p. 372-373).

No contexto das ciências da linguagem, a Linguística como um campo do conhecimento sobre a língua e como uma das disciplinas do campo da Linguagem tem se ampliado graças à criação de novas abordagens, novos olhares ou às rupturas mencionadas por Auroux (2020). Desde a proposta de Saussure da criação de um campo de estudo científico da língua até os dias atuais, não foram poucas as rupturas e abordagens que foram sendo feitas na reflexão sobre a língua, o que levou a uma ampliação e a uma adequação da Linguística às diferentes demandas que os fenômenos linguísticos apresentam.

Dentre as diferentes abordagens que foram surgindo ao longo do desenvolvimento da Linguística, o interesse pela linguagem da ciência de um modo geral ainda é relativamente recente, datando de um pouco antes do início do século XX. Nesse contexto, a Terminologia passou a ser de interesse dos linguistas, contribuindo ou complementando uma falta importante na Terminologia como uma disciplina da comunicação das ciências: o aspecto linguístico.

Embora muito bem incorporados dentro do grupo de disciplinas que se interessam pela comunicação nas ciências, os estudos linguísticos da Terminologia ainda precisam ampliar ou romper a tradição dos estudos clássicos, ampliar o seu escopo e entender a comunicação especializada (que, no nosso entender, é o verdadeiro objeto de estudos da Terminologia), em toda a sua integralidade. Olhar para apenas um elemento de um complexo objeto é continuar com práticas de pesquisa muitas vezes condenadas dentro da própria abordagem linguística da Terminologia, é o que tentamos explicar ao longo deste trabalho. É importante lembrar, nesse sentido, que o foco só sobre um dos aspectos da comunicação especializada constitui-se como umas das identidades da abordagem tradicional. No contexto desta discussão, o presente texto busca problematizar a questão do *status* da Terminologia como uma disciplina do léxico. A hipótese que defendemos é que a Terminologia, dentro dos estudos linguísticos, deve ser entendida como uma disciplina que dialoga com outros campos da Linguística e fora da Linguística, portanto, interdisciplinar, e a comunicação no universo das ciências e das técnicas é que é seu objeto de estudo (portanto, a linguagem em sua diversidade) e não apenas um dos muitos elementos desse fenômeno, como o léxico, ou só o texto, ou só o contexto, entre outros.

Nesse sentido, apresentamos algumas ideias que são fortes no campo da abordagem linguística da Terminologia e refletiremos, problematizando, algumas dessas ideias. O ponto a que queremos chegar é discutir a ideia de que é possível o reconhecimento, dentro do escopo da disciplina, de estudos terminológicos que não foquem apenas o léxico, mas outros elementos da comunicação especializada, como o texto e seus constituintes, o contexto, a cultura comunicativa dos diferentes campos do conhecimento, os gêneros textuais entre outros elementos, sobretudo de modo articulado e em múltiplas perspectivas.

A Terminologia e sua identidade

Na gênese do que viria a ser consolidado como ciência denominada Terminologia, há um ponto de partida. Este, por sua vez, em todos os casos, perpassa pelo nome de Eugen Wüster, orientador e importante nome da que ficou conhecida como Teoria Geral da Terminologia (TGT). Wüster é um dos mais conhecidos terminólogos do mundo (ainda que pela crítica negativa feita no âmbito da Linguística ou pela excelente contribuição que deu para a identidade do campo). Wüster e seus seguidores organizam o campo da Terminologia considerando um conjunto de premissas que visavam ao sucesso comunicativo.

Ainda que hoje, dado um estado mais desenvolvido dos estudos terminológicos do que era por volta da metade do século XX, seja sedutora a necessidade de se opor aos estudos de Wüster, há de se creditar a ele méritos pelo desenvolvimento dessa área de estudos. Cabré (2005, p. 2, tradução nossa) pontua que Wüster é “[...] a quem muito devemos pelo grande trabalho em prol do reconhecimento disciplinar e político da terminologia”³, ainda que, hoje, compreendamos a terminologia para além do que postulava Wüster, seu papel foi fundamental e decisivo como parte principal no processo de solidificação dos estudos terminológicos.

Em princípio, o que viria ser chamado de Terminologia, era um campo restrito de conhecimentos sobre o nível léxico da comunicação, sendo, desse modo, focado em um uso específico diferenciado da língua geral. Os estudos eram limitados a âmbito particular e fundamentados centralmente nos estudos do termo (unidade lexical). Os terminólogos (ainda que não fossem dotados dessa nomenclatura na época) eram aqueles responsáveis pela produção dos ditos dicionários técnicos e os profissionais que operacionalizavam políticas linguísticas de controle da comunicação no âmbito da ciência. Os estudos eram onomasiológicos, isto é, partiam de um conceito para se chegar a uma denominação, que deveria apresentar um padrão

³ Tradução nossa do original: “[...] a quien debemos una magna labor a favor del reconocimiento disciplinar y político de la terminología”.

e unidade, para que se evitasse a ambiguidade. Desse modo, o conceito seria o único e principal objeto de estudos da Terminologia e a ele que o terminólogo deveria dedicar os seus esforços. O objetivo claro era de se chegar a uma normalização do termo em relação ao conceito, buscando, desse modo, uma utópica e desejada universalização da comunicação no mundo da ciência e das técnicas.

Com o objetivo de atribuir um ar mais científico à Terminologia, Wüster propõe a Teoria Geral da Terminologia (TGT), que foi muito bem recebida por mecanismos internacionais que visavam, sobretudo, à internacionalização de práticas, tecnologias e conhecimentos. Por outro lado, muito embora tenha apresentado um sucesso internacional, a abordagem wüsteriana enfrentou resistência no meio acadêmico, com destaque para as discussões nos estudos das ciências humanas e sociais, que viam na política linguística nascida da perspectiva da TGT uma ideia discriminatória e restrita, sobretudo os países e campos do conhecimento que se encontravam à margem de uma política capitalista global. As críticas vieram de muitos lados, mas foi na Linguística que elas se avolumaram e tiveram alguma consistência teórica.

Quando Wüster e seus seguidores formulam que a terminologia não necessitava de grandes reflexões linguísticas pois possuía um fim aplicado claro, que seria a produção de obras como dicionários e glossários, deixam de fora um conjunto de fatos sociais que estão na base do fazer terminológico, além da própria essência do funcionamento de um campo ou uma área do conhecimento humano. O campo da Terminologia, que se orienta pela TGT, segue como um lugar de produção de instrumentos de dominação internacional, sendo de grande valia para as políticas linguísticas de dominação das culturas tradicionais. (CABRÉ, 2005).

A simplificação dos estudos terminológicos a uma prática aplicada, com finalidade de produção de material de referência, isto é, materiais que guardassem o léxico utilizado por especialistas de uma determinada área, é sem dúvida um dos pontos mais controversos e que hoje é alvo de muitas críticas. Essa visão estreita do fazer terminológico, por mais que tenha sido abandonada em sua grande maioria, foi cultuada por algum tempo, sobretudo pelos seguidores de Wüster. Cabré (2005, p. 7, tradução nossa) pontua:

A teoria que Wüster elaborou, embora não seja apenas - como defendem seus seguidores - uma teoria prescritiva, descreve apenas uma parte dos dados terminológicos, aqueles contidos em dicionários padronizados. Consequentemente, a teoria que foi desenvolvida a partir desses dados é uma teoria enviesada. Toda teoria deve ter como finalidade essencial descrever os

dados reais e representativos, deve ser coerente internamente e ter capacidade preditiva.⁴

Conforme é possível perceber a partir do comentário de Cabré (2005), um outro ponto também bastante sensível aos estudos de Wüster é a universalização. Assim, segundo a TGT, buscava-se aplicar a mesma teoria de análise terminológica a distintos contextos e situações, o que se mostra ilógico quando observamos que a comunicação em ambiente especializado não se restringe ao uso de termos técnicos isoladamente, mas a uma série de marcas e características dependentes de aspectos pragmáticos. Ainda segundo Cabré (2005, p. 3, tradução nossa), a TGT buscava “[...] ter um recurso terminológico para comunicação internacional entre profissionais que permitiria uma comunicação interlingüística sem ambigüidade”⁵.

Convém ressaltarmos, como fazem alguns dos críticos da TGT, que a visão de Wüster (e da escola de Viena) não é equivocada, mas simplista e resumida, tendo maior aplicabilidade em um campo de estudo. Com as inúmeras críticas e revisões que as discussões no campo vêm sofrendo ao longo dos anos, hoje, a Terminologia apresenta inúmeras possibilidades de pesquisa e desenvolvimento, configurando-se como uma área profícua, abarcando trabalhos de naturezas distintas, mostrando ser bem mais ampla e complexa do que se imaginava.

A ampliação dos estudos terminológicos, de algum modo, se deu a partir das críticas feitas à Teoria Geral da Terminologia. Reações de diferentes partes do mundo surgiram, e discussões e propostas teóricas que se opunham às ideias de Wüster deram novo fôlego às discussões sobre a comunicação no âmbito científico-técnico. Nesse contexto, ficaram amplamente conhecidas as proposições do grupo de estudiosos quebequense, que ficou intitulado Socioterminologia, com destaque para as ideias de François Gaudin, Yves Gambier e Pierre Auger. A proposta dos estudos socioterminológicos é problematizar a dimensão social dos termos e o papel deles em uma política linguística de reconhecimento de um idioma ou variedades linguísticas que estejam à margem de uma cultura linguística. Nesse sentido, de acordo com Gaudin (2014, p. 304, grifo original), “[...] a dimensão social da socioterminologia se mescla com as preocupações de política linguística. Por sua vez, o estudo da **circulação**

⁴ Do original: “[...] la teoría que Wüster elaboró, aunque no sea únicamente - como defienden sus seguidores- una teoría prescriptiva, solo describe una parte de los datos terminológicos, los contenidos en diccionarios normalizados. En consecuencia, la teoría que se elaboró a partir de estos datos es una teoría sesgada. Toda teoría debe tener como finalidad esencial describir los datos reales y representativos, debe ser coherente internamente y tener capacidad predictiva”.

⁵ Do original: “[...] disponer de un recurso terminológico para la comunicación internacional entre profesionales que permitiera una comunicación interlingüística sin ambigüedad”.

social dos termos implica um melhor conhecimento da evolução das práticas de linguagem e da sociogênese dos termos”.

Além das discussões do grupo de socioterminólogos, também prosperaram, na Terminologia descritivista, as reflexões criadas no âmbito da Teoria Comunicativa da Terminologia - TCT, que tem a linguista espanhola Maria Teresa Cabré e o grupo IULATERM, da Universidade de Pompeu Fabra, em Barcelona, como seus principais expoentes. A teoria se opõe à TGT em vários pontos, talvez um dos mais significativos seja a alteração de uma visão prescritivista, conforme se visualiza na teoria elaborada por Wüster, para uma visão descritivista, que privilegia a comunicação especializada em detrimento do restrito estudo dos termos técnicos de uma comunidade de especialistas. Como resultado dessas características apontadas anteriormente, mas sobretudo dessa visão normalizadora que Wüster dava à sua teoria, a TGT era uma teoria quase que exclusiva da língua escrita. Fato que também sofre alteração com o advento da TCT, que busca análises também a partir de *corpora* orais.

A proposta de Cabré amplia a visão sobre o objeto de estudos da Terminologia, que passa a ser, para além do conceito, a comunicação especializada em toda a sua complexidade. Nesse sentido, o conceito, a denominação, o texto, a situação comunicativa e as diferentes culturas das áreas do saber humano passam a ser alvo das análises e de reflexões, ampliando a função do terminólogo para além de um produtor de glossários técnicos e normatizadores. É a partir da proposta inovadora de Cabré que outras propostas, em fase de elaboração por outros terminólogos em diferentes partes do mundo, ganharam visibilidade, ampliando assim o campo e as discussões terminológicas.

Muito embora a proposta de Cabré seja interessante, por absorver diferentes concepções do campo da Linguística, pensamos como Almeida (2006, p. 86), quando ela observa que muitos estudos ditos de orientação teórico-metodológico da TCT mantêm características fundamentais da TGT, isto é, apresentam:

- a) a prioridade do conceito em detrimento do termo; b) a precisão do conceito, o que retoma, de certo modo, a eliminação da ambigüidade e a busca da univocidade; c) a conseqüente abordagem onomasiológica, já que toda a atividade terminológica parte do conceito; d) a proeminência do nível lexical em detrimento dos demais níveis de descrição lingüística (morfológico, sintático, textual, discursivo); e finalmente e) a prescrição.

A partir desse breve panorama da identidade linguística dos estudos terminológicos, pretendemos analisar uma problemática que perdura nos estudos terminológicos, o que Finatto e Azeredo (2010) definiram como uma questão de *identidade* da terminologia. As autoras,

todavia, afirmam que essa questão pode ser mais ou menos importante e deixa a nós o crivo do sim ou do não. Em nosso entendimento, definir ou não uma área específica em que os estudos terminológicos se enquadrariam é menos importante que os estudos em si. Em outras palavras, queremos dizer que desenvolver os estudos é mais importante do que colocar um rótulo sobre a área de estudo⁶. No Brasil, essa problemática ganha mais notoriedade e relevância, tendo em vista o entendimento corrente de que a Terminologia seria uma ciência do léxico. Buscamos, dessa forma, pontuar algumas questões concernentes à identidade da Terminologia, bem como apontar um enfoque que tem sido tendência nos estudos nos últimos tempos, sobretudo para colocar uma alternativa de resposta às autoras: identificar estudos que não foquem exclusivamente o nível lexical como terminológicos.

Terminologia: uma ciência do Léxico?

No Brasil, a coleção de livros *Ciências do Léxico*, publicada pela Editora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS em parceria com outras editoras universitárias, tem consagrado a ideia de que a Terminologia é um ramo dos estudos lexicais. Apesar das significativas e inegáveis contribuições que a coleção tem dado para a divulgação dos estudos terminológicos, visto que apresenta uma seção exclusiva para esses estudos, o que permitiu a construção de um modelo a ser seguido a partir dessa seção, é necessário pensar no seu impacto dentro da área, sobretudo, quanto ao modelo de análise e às perspectivas que ela implementa.

A coletânea *Estudos do Léxico* tem sido um interessante caso de como a Terminologia tem dado maior atenção aos estudos lexicais terminológicos. É notório, todavia, que, até então, grandes estudos partem dessa premissa e têm essa visão como base; é, não obstante, importante ressaltar que, apesar de ser uma realidade (e os estudos da coleção comprovam isso), a Terminologia não se restringe a essa abordagem. Um exemplo de como essa ideia está consagrada está em um clássico texto publicado no volume 1 dessa coleção. Em passagem do texto que abre o volume 01 da série, observamos a seguinte afirmação e definição da Terminologia, feita por Biderman (2001, p. 19):

⁶ Importante destacar que, mesmo sendo um entendimento nosso, essa questão é bastante corrente na ciência de forma geral. Muitas são as teorias que só ganham nome ou definição a que área pertencem após muito tempo de existência.

A Terminologia se ocupa de um subconjunto do léxico de uma língua, a saber, cada área específica do conhecimento humano. Esse subconjunto lexical que constitui seu objeto, insere-se no universo referencial. Assim, a Terminologia pressupõe uma teoria de referência, ou seja, uma correlação entre a estrutura geral do conhecimento e o código linguístico correspondente. Especificando melhor: a Terminologia deve estabelecer uma relação entre a estrutura conceptual e a estrutura léxica dessa língua.

Conforme observado na passagem de um texto básico para os estudos do léxico, Biderman (2001) concebe as terminologias dos universos especializados como um subconjunto do léxico, uma visão que, muito embora combatida nos anos seguintes, ainda dá o tom em muitos estudos atualmente. São inegáveis as contribuições terminológicas dos estudos de viés lexical. Há, no entanto, que se ponderar que essa consideração retoma um caráter reduzido das possibilidades de estudos terminológicos produzidos ao redor do mundo.

Finatto e Azeredo (2010, p. 561, grifos nossos), ao pontuarem sobre a ampliação que fazem na percepção e orientação de seus estudos e optarem por partir de uma análise do texto para termo, ao invés do contrário, afirmam que “[...] a ampliação [no viés de investigação] se fazia necessária”. Serra (2021, p. 19, grifos nossos), por sua vez, destaca que “[...] é importante avançar mais, para outros campos da Linguística que podem colaborar e muito para o estudo da linguagem nos diferentes discursos especializados e campos menos formalistas acabam ganhando espaço entre os estudos na Linguística”.

Por fim, Krieger (2008, p. 5, grifos nossos) destaca: “É preciso ir além, objetivando reconhecer os mecanismos semióticos e pragmáticos que ativam ou que conferem propriedades terminológicas a determinadas estruturas lingüísticas”. Evidente e sempre importante lembrar que os autores supracitados possuem estudos independentes entre si (inclusive temporalmente) e por mais que, porventura, pensem diferente sobre o entendimento dos caminhos que deve tomar a Terminologia, corroboram em dois pontos fundamentais com os quais também concordamos: (i) é preciso avançar com a Terminologia para além das visões cristalizadas da Terminologia tradicional, isso fica evidente com o uso de expressões nos comentários desses autores, como: *fazia necessária*, *é importante*, *é preciso*, esses usos nos remetem a um caráter essencial, de certa urgência; (ii) o caminho que toca a interseção entre Terminologia, Linguística do Texto, os estudos dos gêneros e da gramática funcionalista são alguns, na nossa opinião, dos mais profícuos caminhos a seguir. Enveredar por essas áreas pode contribuir imensamente para alargar o alcance e a compreensão dos estudos terminológicos.

Em contraponto aos estudos que enxergam a Terminologia só como ciência do léxico, surge, então, um novo enfoque que não consegue observar a terminologia (léxico

terminológico) de forma isolada, em outras palavras, sem considerar o contexto de produção e/ou as características textuais onde o discurso terminológico circula. Essa concepção enxerga a texto como o “*habitat* natural das terminologias” (KRIEGER; FINATTO, 2016, p. 106). O *habitat* mencionado por Krieger e Finatto precisa ser ampliado para além de um aspecto metodológico, ou seja, o texto precisa ser entendido para além do lugar onde se encontra o termo. É necessário, nesse sentido, pensar que a Terminologia é não apenas uma ciência do léxico, mas também do texto, do discurso, dos gêneros, enfim, da comunicação especializada e soma-se a isso o forte caráter interdisciplinar, que sempre foi destacado na literatura da área. Pensar a Terminologia como uma ciência que se ocupa da comunicação como um fenômeno complexo, inclusive no mundo científico e das técnicas, alarga a perspectiva, e os estudos nesse sentido também são consideráveis.

O (con)Texto Terminológico: o *habitat* natural das terminologias

A subversão do paradigma prescritivo para o descritivo possibilitou uma série de investidas da Terminologia por muitos caminhos de grande relevância, como a Socioterminologia, por exemplo. O entendimento corrente é de que a Terminologia se encontra num estágio que a coloca como uma disciplina interdisciplinar, podendo ser estudada de diferentes maneiras, em diferentes vieses. Uma dessas possibilidades é a de estudo terminológico, em sua face linguística, a partir dos estudos do texto.

Haja vista uma importante mudança de concepção do fazer terminológico, é sabido (e foi por nós mencionado anteriormente) que a tradição terminológica parte de uma visão onomasiológica, ou seja, considerando um conceito para se chegar a um termo, a ideia passa a ser semasiológica, com ênfase nos termos (ou no objeto linguístico), na diversidade deles. Mais recentemente, estudos terminológicos começam a tratar dos gêneros textuais em que esses termos circulam e, ainda, a observação das marcas textuais que caracterizam os textos relativos a cada um dos diferentes contextos especializados.

Nesta última visão, os estudos não focam apenas nas formas ou na estrutura conceptual dos termos, mas nas diferenças dos tipos textuais mais recorrentes nos textos especializados, além dos gêneros textuais que circulam em uma determinada área e também na forma de composição dos textos concernentes a cada área. Uma outra forma de pesquisa recorrente é a localização e o reconhecimento de um termo de uma área a partir de sua presença dentro de um conjunto de textos das áreas especializadas. A premissa a partir da qual essas pesquisas partem é a de que os termos não são entidades isoladas, formando uma língua apartada, mas palavras

do léxico comum da língua que se atualizam no contexto comunicativo, ou seja, uma premissa funcionalista (CABRÉ, 2003). Os termos, antes de tudo, fazem parte de um contexto linguístico em que são produzidos, sendo eles apenas mais um dos elementos característicos de todo um discurso especializado. Dessa maneira, a consideração do texto como ponto de partida é decisiva para a ideia fundamental da Teoria Comunicativa da Terminologia, que preconiza que “[...] as linguagens técnicas e científicas integram a linguagem natural como subsistemas e que perfazem um uso particular da língua para propósitos específicos, a comunicação profissional.” (FINATTO; AZEREDO, 2010, p. 574).

Em estudo conduzido por Finatto e Azeredo (2010), as autoras centram sua análise em aspectos gramaticais dos textos especializados, tais como conjunções, preposições, entre outros, e, ainda, na forma como esses elementos são empregados no texto especializado, em outras palavras, se textos de determinadas áreas de especialidades fazem mais usos de determinados mecanismos de construções textuais em detrimento de outros e o porquê isso acontece, partindo sempre do entendimento de que

[...] descrever qualquer linguagem técnica ou científica implica descrever seus diferentes usos, sobretudo os usos textuais, em diferentes situações. Dessa forma, além do texto em si, há todo um entorno de significação que precisa ser considerado quando se pretende descrever os usos de uma linguagem científica. (FINATTO; AZEREDO, 2010, p. 561).

Como exemplo do que defendemos, citaremos a conclusão a que Finatto e Azeredo (2010) chegam ao fim do estudo no qual analisam os conectores de causalidade, preposições, entre outras marcas textuais em diferentes textos de especialidade. As terminólogas observam que as marcas concernentes à tessitura do texto também podem ser representativas de uma determinada área de especialidade (não apenas os termos técnicos, como se acreditava anteriormente). Dessa forma, Finatto e Azeredo concluem:

Novamente, tal como vimos na causalidade, parece que houve uma ‘especialização’ desse elemento, uma preposição, cujo uso mais concentrado denuncia alguma influência do ambiente textual ou mostra que o diferencial entre linguagem cotidiana e científica pode ser também uma preposição. (FINATTO; AZEREDO, 2010, p. 573, grifo original)

Em nosso entender, essas conclusões (por mais que sejam apenas um exemplo) são substanciais materializações de resultados que colocam o texto como elemento essencial nas análises de/em Terminologia, demonstrando, dessa forma, que os termos técnicos são apenas

um dos elementos que definem uma área de especialidade, havendo, assim, muito mais a se explorar para além desse recorte.

Em Serra (2019), observamos que o contexto em que o texto é produzido torna-se relevante para entendermos as causas da variação terminológica. Observamos que textos especializados fazem parte de uma esfera cultural própria e que pode ser lida como uma comunidade discursiva. Por conta desse elemento cultural e linguístico que cada domínio do saber ou comunidade de especialista tem, a variação terminológica pode ocorrer de modos diferentes. Na pesquisa, observamos textos orais e escritos e verificamos que os textos dos gêneros artigo científico e entrevistas em programa de televisão apresentam maior variação denominativa se comparada com os demais gêneros textuais da amostra (palestras, aulas, apostilas, artigo de divulgação). A hipótese que se levanta é que isso ocorre porque o especialista que escreve/fala nesses textos considera a diversidade de seu público ouvinte, que é composta por especialista com alto nível de especialidade (no caso dos artigos científicos) e por indivíduos com alto e baixo nível de conhecimento ao mesmo tempo (como é o caso de programa de TV, em que o especialista dialoga com nível de conhecimento variado).

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram coletados textos orais e escritos produzidos por especialistas em cana-de-açúcar brasileiros, pesquisadores reconhecidos na área e que atuam na formação de novos pesquisadores, em diferentes contextos comunicativos próprios da indústria da cana-de-açúcar no Brasil.

As duas pesquisas rapidamente relatadas aqui demonstram pesquisas científicas produzidas no âmbito da Terminologia que não se restringiram à análise de estruturas lexicais e semânticas dos termos dos discursos especializados, mas buscaram ver o termo em contexto, contextualizado dentro de um campo de atuação, como parte de um conjunto de práticas comunicativas dos especialistas. Essas pesquisas veem as terminologias não apenas a partir de um ou de outro elemento, mas tenta integrá-los dentro de um complexo esquema comunicativo, que é a base da prática científica e técnica. A colaboração, o diálogo, enfim, a comunicação entre os especialistas de uma área, elemento que identifica uma comunidade, é feita a partir das terminologias, e esse é um ponto que não pode se perder na discussão dos estudos terminológicos.

Dessa forma, concordamos com Krieger, quando a autora comenta que “[...] os diálogos [com a Linguística Textual] podem ser muito produtivos e que o texto é, inegavelmente, a chave para identificar o comportamento dos termos, bem como de outras estruturas lingüísticas que veiculam conhecimento especializado.” (KRIEGER, 2008, p. 6). Sendo assim, essa interseção muito contribuiu e ainda contribui para um desenvolvimento mais completo da Terminologia

como área e ciência, sobretudo quando pensamos que a definição de estudos partindo do texto e suas especificidades foi responsável por um alargamento da área e abriu um amplo caminho a ser explorado. É importante, no entanto, pontuar que os estudos terminológicos não se encerram nesse enfoque, mas a consideração do texto, o contexto, a comunicação, as relações entre os especialistas como ponto de partida é, ao menos para a abordagem linguística, uma clara e real mudança de paradigma e ainda muito será tema de discussão. Nesse sentido, com essa mudança de ponto de vista, estamos caminhando em direção a uma Terminologia realmente descritiva e comunicativa.

Interessante notarmos, ainda sobre essa interface entre Terminologia e Linguística Textual e os estudos da comunicação, o que, à época, Finatto e Azeredo (2010) chamam de *terminologia textualista* (em itálico)⁷ e terminologia “textual” (com aspas)⁸. Os destaques dados pelas pesquisadoras em seu texto mostram quão recente ainda era, à época, tal discussão, dada a mentalidade ainda tradicionalista dos estudos terminológicos que vigoravam nos trabalhos da área. Nessa mesma direção, as autoras colocam em xeque se o trabalho que realizam (rapidamente mencionado aqui) poderia ser considerado um trabalho terminológico, dado o insipiente e tímido enveredamento por essas áreas. Cumpre perguntar, nesse sentido, se, distantes cerca de 11 anos da escrita do texto dessas autoras, que também serviu de pontapé para este texto, podemos pensar em uma terminologia para além dos estudos lexicais. Serra (2021)⁹ o faz de forma explícita e assertiva, não só tratando como Terminologia Textual, sem aspas e/ou itálico, mas propondo análises, possibilidades nesse sentido e apresentando contribuições nos últimos anos desse enfoque textual para os estudos terminológicos. Essas constatações mostram algum avançar nessa discussão, graças aos esforços das primeiras discussões nesse sentido.

Últimas considerações

Conforme visto, a partir dessas breves reflexões que propomos, a Terminologia é ciência muito vasta, que tem tomado grande desenvolvimento e que se mostra interdisciplinar, dessa maneira, tentar forjar um lugar fixo e estático para a Terminologia parece ser um caminho, se

⁷ “[...] provém de um enfoque linguístico multidimensional que hoje poderíamos denominar, apressadamente, de *Terminologia textualista*.” (FINATTO; AZEREDO, 2010, p. 559).

⁸ “Na nossa concepção de Terminologia “textual”, partimos do pressuposto de que as linguagens técnicas e científicas integram a linguagem natural como subsistemas e que perfazem um uso particular da língua para propósitos específicos, a comunicação profissional.” (FINATTO; AZEREDO, 2010, p. 574).

⁹ “[...] Mais recentemente, os estudos de Ciapucio (1998, 2003) e seus colaboradores no campo da Terminologia Textual é outro avanço na questão de colocar o texto e a comunicação especializada no centro das discussões da Terminologia.” (SERRA, 2021, p. 25)

por um lado tentador, por outro, restritivo, tendo em vista a grande profusão de tendências e possibilidades que se aventam e que ainda se avararão, principalmente pelo avançar das próprias discussões dentro da Linguística.

A abordagem comunicativa, isto é, a consideração dos aspectos da interação como relevantes para os estudos terminológicos, retirando o foco tão somente dos estudos dos termos técnicos, se mostraram um bom ponto de partida para se considerar. Cumpre mencionar que em países como Espanha, Argentina, Canadá essa é uma perspectiva bastante próspera e alcança resultados interessantes dos fenômenos terminológicos. O Brasil, como um dos grandes centros de estudos terminológicos, também poderia seguir essa tendência. O estudo de Finatto e Azeredo (2010), por nós citado nesta reflexão, é uma amostra das possibilidades de que os estudos em Terminologia produzidos no Brasil têm muito a explorar, descobrir e analisar.

É difícil prever o futuro da Terminologia, as trilhas seguidas por ela até então se mostram produtivas e férteis ainda. Como disciplina, se comparada a outras, pode ser considerada razoavelmente jovem, dessa maneira, a diversidade de abordagens terminológicas pode ser entendida até mesmo de forma natural, salutar, por estar em pleno desenvolvimento e expansão, além, claro, de uma característica que Serra (2021, p. 26, grifos nossos) pondera como intrínseca aos estudos terminológicos: a interdisciplinaridade: “Não restam dúvidas de que **o caráter interdisciplinar** da Terminologia [...] é uma característica do campo que abre novos direcionamentos e permite que os estudos produzidos nele estejam sempre se atualizando”, em outras palavras, permitir diálogo entre a Terminologia e outros campos da Linguística e até com outras áreas que têm interesse pela comunicação especializada é fundamental para o avançar da disciplina. Tendo em vista o atual estado das discussões sobre a ciência e como ela tem se modificado com a modernidade e com um modo de pensar integralista, não podemos, na Terminologia, esperar estaticidade ou fidelidades teóricas a um ou outro ponto de vista sobre o objeto de estudos terminológicos, mas, sim, um maior desenvolvimento e uma maior solidez nos estudos terminológicos.

Referências

ALMEIDA, G. M. de B. A Teoria Comunicativa da Terminologia e a sua prática. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 50, n. 2, 2006. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1413>. Acesso em: 02 nov. 2021.

ARAÚJO, C. A. A. A ciência como forma de conhecimento. **Revista Ciência e informação**, v.08, p. 127-142. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cc/v8/v8a14.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2022.

AUROUX, S. A história da Linguística. **Revista Porto das Letras**, v. 06, n. 5., p.370-388, 2020.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Orgs). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001, p. 13-22.

CABRÉ, M. T. La Terminología, una disciplina en evolución: pasado, presente y algunos elementos de futuro. **Debate terminológico**, v. 12, n. 1, p. 411-415, 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/riterm/article/view/21286/12263>. Acesso em: 25 set. 2020.

FINATTO, M. J. B.; AZEREDO, S. Observações da tessitura do texto especializado são observações de/em terminologia? In. ISQUERDO, A. N.; FINATTO, M. J. B. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande / Porto Alegre: EdUFMS/EDUFRGS, 2010, p.557-577.

GAUDIN, F. Socioterminologia: um itinerário bem-sucedido. In: ISQUERDO, A. N.; DAL CORNO, G. O. M. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia, v. 7. Campo Grande – MS: EDUFMS, 2014. p. 293-310.

KRIEGER, M da G. Terminologia e seus objetos de investigação. In: SIMPOSIO IBEROAMERICANO DE TERMINOLOGIA, 2008, 10, Montevideo. **Actas del X Simposio Iberoamericano de Terminología**. Montevideo: RITERM, 2008. p. 1-8.

KRIEGER, M. da G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia**: teoria e prática. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

SERRA, L. H. **A variação denominativa no discurso especializado da cana-de-açúcar no Brasil**: uma pesquisa sobre a variação funcional. 2019. 155f. Tese (Doutoramento em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, 2019.

SERRA, L. H. Comunidade discursiva e gêneros textuais especializados: mais elementos para uma terminologia descritivista e interdisciplinar. In: SANTOS, G. M. de; SERRA, L. H.; SILVEIRA, T. S. **Estudos do léxico geral e especializado**: teorias e aplicações. Catu: Bordô-Grená, 2021. p. 17-27.

Sobre os autores

Gabriel Pereira Castro Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-7685-5094>

Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Maranhão, é mestrando do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Luís Henrique Serra Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-8796-044X>

Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Maranhão, é mestre e doutor em Letras pela Universidade de São Paulo. Professor Adjunto, nível II da Universidade Federal do Maranhão. É professor permanente do Programa de Pós-graduação em Letras do Centro de

Ciências de Bacabal, da Universidade Federal do Maranhão, campus III, Bacabal, Maranhão.

Recebido em fevereiro de 2022.

Aprovado em maio de 2022.